

tivamente, terminada a leitura do livro é difícil não admitir que Raimundo IV não tem sido injustiçado freqüentemente, vítima de cronistas a serviço do seu rival Boemundo, como por exemplo Raul de Caen, preocupados em comprometê-lo para melhor justificar a conduta do filho de Robert Guiscard, por ter êste se apossado de Antioquia.

Compõe-se o livro de sete capítulos. O primeiro abôrda a fase inicial da existência do biografado, enquanto o segundo já o mostra comprometido desde o início com a idéia de Cruzada levantada por Urbano II. Em seguida, no capítulo terceiro, é narrada a viagem dos cruzados provençais até Constantinopla e a posição de Raimundo IV nos entendimentos dos chefes Cruzados com o imperador bizantino Aleixo Comneno, a princípio de desinteligência, seguida de aliança, respeitada até o fim pelo provençal. No capítulo IV é relatada a passagem dos Cruzados para a Ásia e sua trajetória até a tomada de Antioquia, enquanto o capítulo subsequente é dedicado ao conflito entre normandos e provençais, com o biografado procurando induzir Boemundo a cumprir seus compromissos com Aleixo. A marcha dos Cruzados até Jerusalém e a sua tomada ocupam o capítulo sexto, sendo o sétimo reservado à fase final das atividades de Raimundo no Oriente, visto ter êle feito voto de lá morrer, combatendo sob a Cruz até o fim de sua existência. A conclusão visa reforçar os argumentos expendidos no transcorrer do livro em favor da valorização da atuação do Conde de Toulouse na Primeira Cruzada, sendo apontado como aquêle, entre os chefes militares da mesma, que melhor encarnou o espirito religioso que a inspirou.

No transcorrer do livro afloram temas secundários tais como o das normas de sucessão hereditária no Midi francês do século XI, a posição da Igreja em face aos casamentos consangüíneos na época, a política papal de Urbano II na França, onde buscou apôio que compensasse suas dificuldades com o Santo Império Romano-Germânico e muitos outros, os quais ganham nova luz no contexto de uma biografia histórica. A crítica às fontes, por outro lado, conduz a observações interessantes relativamente às tendências dos cronistas da época, tornando a obra atraente aos interessados em historiografia medieval. Finalizando, a obra representa um indiscutível enriquecimento à bibliografia relativa ao personagem focalizado e à primeira Cruzada, sendo indicada aos interessados nesse setor da história da idade média.

VICTOR DEODATO DA SILVA

*

* *

FLORES (Xavier A.). — *Le "Peso Político de Todo el Mundo" d'Anthony Sherley ou Un Aventurier au Service de l'Espagne*. École Pratique des Hautes Études. VI^e section. Centre de Recherches Historiques. Paris. S.E.V.P.E.N. Collection "Bibliothèque générale". 1963.

Este estudo, o último publicado pela **École Pratique des Hautes Études** entre as obras consagradas aos viajantes e mercadores do século XVI, oferece ao estudioso da História a primeira edição crítica do **Peso político de todo el mundo** redigido pelo célebre aventureiro inglês Sir Anthony Sherley, obra dedicada ao Conde-Duque de Olivares, primeiro ministro de Filipe IV de Espanha.

O aventureiro foi pirata nas Antilhas, capitão na guerra de Flandres, embaixador do Chá da Pérsia junto aos príncipes cristãos, embaixador do imperador Rodolfo II da Alemanha em Marrocos, depois almirante da frota espanhola no Mediterrâneo e Conselheiro da Corôa; Anthony Sherley encarnava perfeitamente a extraordinária versatilidade dos homens do seu tempo.

O “**peso político de todo el mundo**”, nos oferece, além das descrições históricas que mostram a extraordinária erudição de seu autor, um quadro bastante completo do comércio mantido pelas nações nessa época, que esclarece singularmente os nossos conhecimentos do mundo econômico do século XVI; Anthony Sherley avalia o “pêso” de cada país, sua capacidade em prover as suas necessidades ou o seu grau de dependência em face das potências estrangeiras.

Finalmente, seu plano do reerguimento da situação espanhola, graças à paz com o Turco, o bloqueio de Gibraltar e a reforma dos circuitos econômicos, nos mostram a que ponto esse gentilhomem aventureiro, consagrado ao serviço da Espanha, chegou a identificar-se com essa nação, da qual êle não aceitava o inevitável declínio, essa “decadencia de España” que permanecem até aos nossos dias como o **leitmotiv** angustiante dos seus mais brilhantes pensadores.

E. S. P.

*

* *

MENDES (José de Castro). — **Efemérides Campineiras (1739-1960)**,
Editôra Gráfica Palmeiras, Campinas, 1963. 200 págs.

Reunindo à sua condição de artista e a de pesquisador interessado nos fastos de sua cidade natal, o sr. José de Castro Mendes já deu a Campinas, entre outras, duas valiosas contribuições para a história local: **Lavoura cafeeira paulista** (velhas fazendas do município de Campinas), volume editado e gratuitamente distribuído pelo extinto Departamento Estadual de Informações de São Paulo, em 1947, no qual acresceu às aquarelas de sua autoria, um texto introdutório do engenheiro agrônomo José Estêvão Teixeira Mendes, constituindo suas pinturas uma retrospectiva das mais importantes sobre as edificações e aspectos vários dos latifúndios cafeeiros da chamada **zona velha** do oeste paulista. O segundo trabalho são os **Retratos da velha Campinas**, editado em 1951 pelo Departamento de Cultura de São Paulo, os quais também representam preciosa mostra iconográfica, recolhida de artistas que desenharam particularmente logradouros da cidade no século XIX, como Hércules Floren-